



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 8, outubro/2025 #56



**Universidade
de Fortaleza**



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 8, outubro/2025 #56

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 56ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Davi Nascimento da Silva Sousa, egresso da Universidade de Fortaleza, intitulado “O Capital Humano Como Fator Determinante do Crescimento Econômico”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!



OPINIÃO:

O CAPITAL HUMANO COMO FATOR DETERMINANTE DO CRESCIMENTO ECONÔMICO

Davi Nascimento da Silva Sousa*

A discussão sobre crescimento econômico de longo prazo ganha contornos diferentes quando o foco se desloca exclusivamente do acúmulo de máquinas e equipamentos para a formação de pessoas. Educação, qualificação da força de trabalho e esforço sistemático em inovação assumem papel central na explicação de por que alguns países conseguem romper trajetórias de baixo crescimento e se aproximar da fronteira de renda das economias avançadas. A experiência da Coreia do Sul é um exemplo emblemático desse movimento, ao mostrar como o investimento consistente em capital humano pode transformar, em relativamente poucas décadas, uma economia de baixa renda em um dos principais polos tecnológicos do mundo.

O ponto de partida desse texto é o debate teórico sobre os determinantes do crescimento econômico. O modelo neoclássico de Solow (1956) enfatiza o acúmulo de capital físico, o progresso tecnológico exógeno e o crescimento populacional como forças que moldam a trajetória da renda per capita no longo prazo. Embora esse arcabouço tenha sido fundamental para entender convergência e diferenças de renda, a evidência empírica mostrou que ele não explica de forma satisfatória por que alguns países permanecem presos em níveis baixos de renda mesmo com taxas de investimento relativamente altas. Nesse contexto, a contribuição de Mankiw, Romer e Weil (1992) ganha relevância ao incorporar explicitamente o capital humano à função de produção, reconhecendo que anos de estudo, qualificação profissional e conhecimento acumulado influenciam a produtividade de maneira direta. Essa literatura se articula com modelos de crescimento endógeno, ainda que sejam exógenos, em que aprendizado, pesquisa e inovação são vistos como fontes capazes de sustentar o crescimento por meio de externalidades positivas geradas pelo capital humano.

A Coreia do Sul é um caso emblemático para examinar essas ideias. Após a Guerra da Coreia, fundada em 1953, o país apresentava baixa renda per capita, estrutura produtiva pouco diversificada e níveis reduzidos de escolaridade. Em poucas décadas, tornou-se uma economia industrializada e intensiva em tecnologia, com empresas presentes em cadeias globais de valor. Essa transformação é verificada com base em dados de organismos internacionais, selecionando variáveis que dialogam diretamente com o modelo de Mankiw, Romer e Weil (1992): Produto Interno Bruto per capita em paridade de poder de compra, taxa bruta de escolarização, formação bruta de capital fixo, crescimento populacional e gastos em P&D como proporção do PIB, mostrando que a Coreia do Sul registrou forte crescimento da renda per capita desde o início dos anos 1990, superando em larga escala o desempenho médio de vários países desenvolvidos utilizados como referência comparativa. Esse avanço esteve acompanhado de um processo consistente de expansão educacional. A taxa bruta de escolarização aumentou de forma expressiva, aproximando o país dos padrões de cobertura observados nas economias de alta renda, tanto no ensino básico quanto no ensino superior.

Em paralelo, verificou-se uma trajetória robusta de formação de capital físico, oscilando em torno de 29% a 30% do PIB entre 1990 e 2023. Esse esforço de investimento, especialmente nas fases em que o país identificou e explorou vantagens comparativas na sua estrutura industrial, foi decisivo para concentrar recursos em setores estratégicos e elevar o nível de produtividade. Com o passar do tempo, contudo, o foco do desenvolvimento deslocou-se progressivamente para investimentos em ativos intangíveis, como conhecimento, inovação e capacidade tecnológica. Ademais, a dinâmica demográfica também exerceu papel importante, pois, com a redução gradual do crescimento populacional, combinada com melhora dos indicadores educacionais, elevou o volume de capital físico e humano per capita, reforçando os ganhos de produtividade e aproximando o percurso observado na Coreia do Sul das previsões dos modelos que destacam a importância do capital humano.

O esforço em pesquisa e desenvolvimento é outro traço marcante da experiência sul-coreana. Ao longo dos anos 2000 e 2020, a proporção do PIB destinada a P&D avançou de forma contínua, até atingir patamar entre os mais elevados do mundo. Esse movimento reflete a consolidação de um sistema de

* Graduado em Ciências Econômicas pela Unifor.

inovação em que governo, universidades e empresas privadas atuam de forma articulada. Essa dimensão é captada pelos indicadores de gastos em P&D, que mostram clara associação entre o aumento do esforço em inovação e a trajetória de crescimento da renda per capita.

A análise de correlação de Pearson entre PIB per capita, taxa de escolarização e gastos em P&D reforça essa leitura. Os coeficientes indicam correlação positiva elevada entre renda e educação, assim como entre renda e investimento em pesquisa. Em termos econômicos, isso sugere que, ao longo do período analisado, fases de maior expansão educacional e de intensificação do esforço inovador estiveram sistematicamente associadas a períodos de aceleração do crescimento, de maneira sustentada e contínua. Embora a correlação não permita estabelecer causalidade de forma isolada, os resultados são compatíveis com a seguinte hipótese central: economias emergentes que investem de maneira persistente em capital humano tendem a apresentar melhor desempenho de longo prazo e maior capacidade de convergência em relação aos países mais ricos.

Destaca-se, contudo, que essas variáveis se configuram como condições necessárias ao crescimento, mas não como fatores únicos ou suficientes. Parte-se do pressuposto de que economias que experimentaram forte aceleração do produto e avanço do desenvolvimento também passaram por um processo de aprofundamento das relações de cooperação comercial e maior abertura econômica, em um ambiente de crescente integração internacional. Nesse sentido, o dinamismo de mercado e a inserção em fluxos globais de comércio e investimento aparecem como dimensões fundamentais e necessárias ao capital humano na explicação das trajetórias de crescimento sustentado.

A experiência da Coreia do Sul mostra que o capital humano não substitui o capital físico, mas amplia seus efeitos, na medida em que trabalhadores mais qualificados utilizam de forma mais eficiente máquinas, equipamentos e tecnologias, gerando ganhos de produtividade mais intensos.

Conclui-se que o capital humano deve ser entendido como elemento estruturante das estratégias de crescimento econômico em economias em desenvolvimento. O caso sul-coreano indica que reformas que ampliem o acesso à educação de qualidade, fomentem a qualificação contínua da força de trabalho e fortaleçam o sistema de ciência, tecnologia e inovação, podem alterar de maneira duradoura a posição de um país na hierarquia da renda mundial. Para o caso brasileiro, a experiência analisada não oferece um modelo pronto a ser reproduzido, já que o país enfrenta desafios estruturais próprios e de grande magnitude. Ainda assim, o exemplo sul-coreano reforça a importância de colocar educação, qualificação da força de trabalho e abertura econômica no centro da agenda de desenvolvimento, como condição necessária para elevar a produtividade, reduzir desigualdades e sustentar o crescimento em um ambiente internacional cada vez mais competitivo e intensivo em conhecimento.

PANORAMA INTERNACIONAL

O cenário econômico mundial mantém-se moderado, marcado por baixo crescimento e fortes assimetrias regionais. Segundo o Banco Mundial, o crescimento global atingiu 2,3% em 2024, e as projeções indicam um crescimento econômico ainda moderado de 2,3% em 2025 e 2,4% em 2026. Esse ritmo reflete principalmente tensões comerciais persistentes, aumento de tarifas e elevada incerteza geopolítica, fatores que restringem o investimento, o comércio internacional e a confiança dos agentes econômicos.

Nas economias desenvolvidas, o crescimento em 2024 permaneceu modesto. De acordo com o Banco Mundial, nos Estados Unidos, a economia cresceu 2,8%, e projeta-se desaceleração para 1,4% em 2025 e leve recuperação para 1,6% em 2026. Na Zona do Euro, o ritmo de expansão foi de 0,9% em 2024, devendo desacelerar para 0,7% em 2025 e 0,8% em 2026. O Japão também apresentou desempenho limitado, com alta de 0,2% em 2024, e projeções de 0,7% e 0,8% para 2025 e 2026, respectivamente – reflexo da política monetária restritiva, da demanda interna enfraquecida e de desafios demográficos persistentes.

Entre as economias emergentes, as diferenças permanecem significativas. A China registrou crescimento de 5,0% em 2024, mas deve desacelerar para 4,5% em 2025 e 4,0% em 2026, em meio a estímulos fiscais e monetários que não têm compensado os entraves estruturais, especialmente no setor imobiliário. Já a Índia confirmou-se como a economia mais dinâmica entre as grandes, com expansão de 6,5% em 2024, projeção de 6,3% em 2025 e expectativa de retomada para 6,5% em 2026, sustentada por investimentos em tecnologia, urbanização e fortalecimento do consumo doméstico.

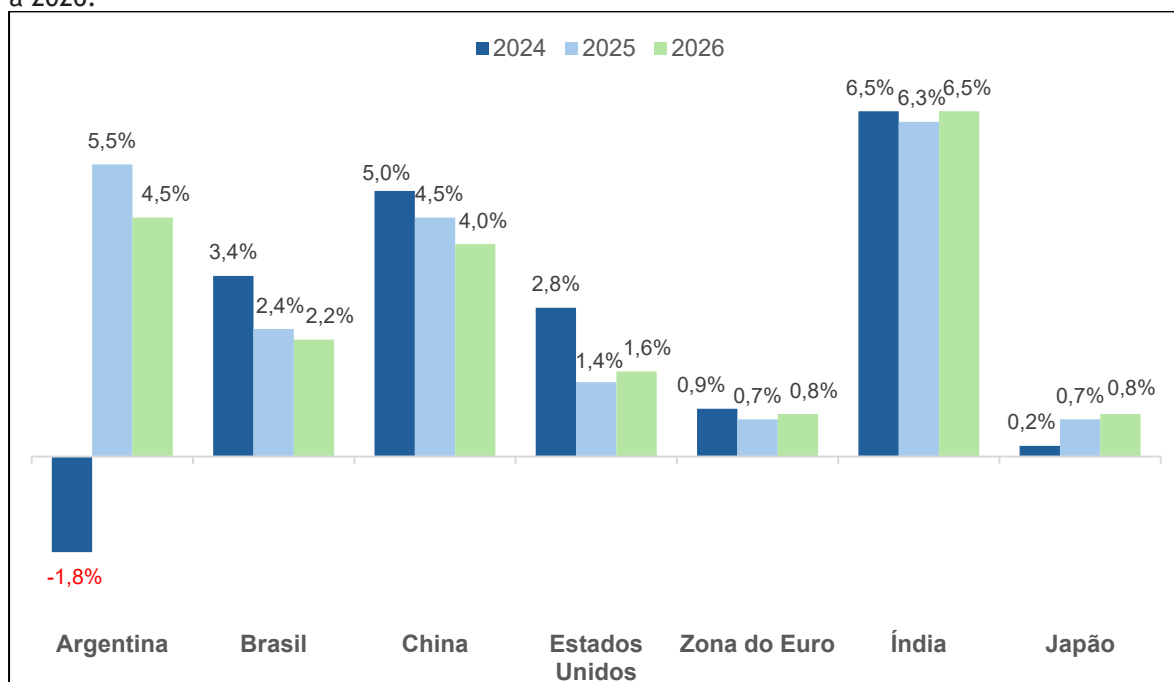
Na América Latina, o desempenho também foi heterogêneo. O Brasil apresentou crescimento de 3,4% em 2024, com estimativas de 2,4% para 2025 e 2,2% para 2026. Já a Argentina enfrentou retração de 1,8% em 2024, mas deve se recuperar com altas projetadas de 5,5% em 2025 e 4,5% em 2026. Essas

trajetórias ilustram como a instabilidade política, fiscal e cambial segue influenciando o desempenho regional.

De modo geral, a economia mundial atravessa uma fase de crescimento abaixo do potencial, com revisões negativas nas perspectivas de médio prazo. As economias avançadas continuam limitadas por desafios estruturais – envelhecimento populacional, baixa produtividade e custos elevados – enquanto os países emergentes, embora ainda liderem o crescimento global, mostram menor dinamismo do que nas décadas anteriores.

De acordo com o Banco Mundial, uma redução pela metade das tarifas globais poderia elevar o crescimento mundial em 0,2 ponto percentual ao ano entre 2025 e 2026. Contudo, a persistência de disputas comerciais, endividamento elevado e choques climáticos pode intensificar o enfraquecimento da atividade econômica. Assim, ainda que o risco de recessão global não seja o cenário predominante no momento, o crescimento projetado permanece insuficiente para promover avanços significativos em emprego, renda e convergência entre países.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2024 a 2026.



Fonte: World Bank, Global Economic Prospects database - Atualizado em jun/2025.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), amplamente reconhecido como indicador antecedente do Produto Interno Bruto (PIB), constitui uma das principais ferramentas de acompanhamento da conjuntura econômica brasileira em base mensal. Ao agregar informações dos setores de comércio, serviços, indústria e arrecadação tributária, o indicador oferece subsídios relevantes tanto para a formulação da política monetária conduzida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) quanto para a tomada de decisões de investimento no âmbito do setor privado.

Em agosto de 2025, o IBC-Br atingiu 110,29 pontos na série sem ajuste sazonal e 108,66 pontos na série com ajuste, registrando alta de 0,40% em relação a julho. O resultado confirma a continuidade da expansão da atividade econômica nacional, embora em ritmo mais moderado. O crescimento segue sustentado principalmente pelo setor de serviços, com contribuição gradual da indústria de transformação, enquanto o consumo das famílias ainda avança de forma contida, refletindo os efeitos de uma política monetária ainda restritiva.

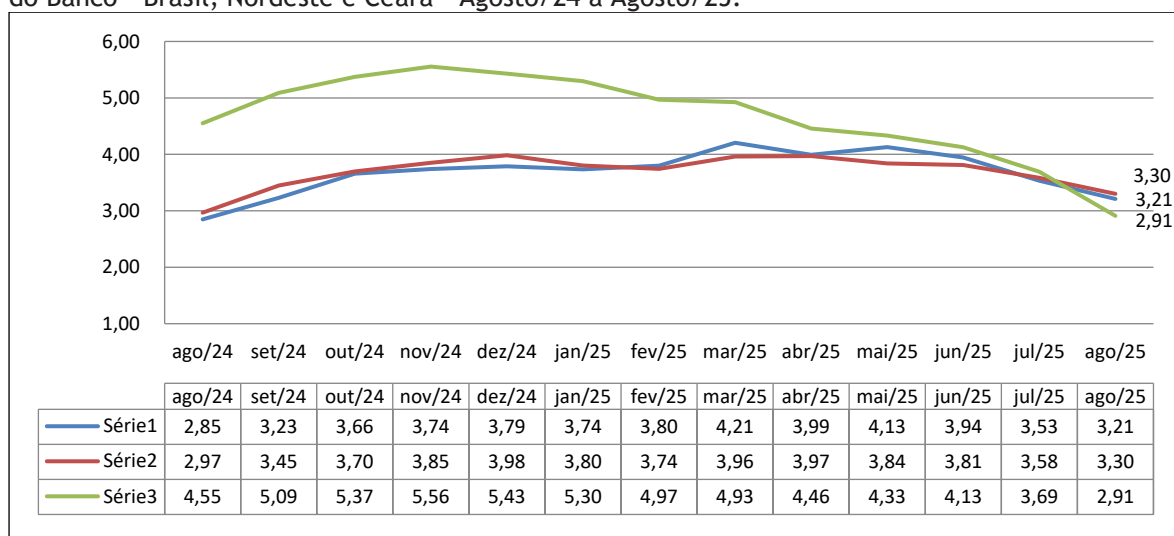
No Nordeste, o índice regional alcançou 108,37 pontos sem ajuste sazonal e 108,99 pontos com ajuste, representando crescimento de 0,12% frente ao mês anterior. O resultado evidencia estabilidade

e leve melhora da atividade econômica, impulsionada pelo avanço dos serviços de tecnologia, turismo e comércio varejista, além do fortalecimento do mercado de trabalho e da renda média. A região mantém trajetória de crescimento moderado, mas consistente, contribuindo positivamente para o desempenho agregado do país.

No caso do Ceará, o índice registrou 116,68 pontos sem ajuste sazonal e 108,33 pontos com ajuste, correspondendo a uma queda de 0,62% em relação a julho. Essa variação negativa reflete uma acomodação pontual após meses consecutivos de crescimento, sem alteração estrutural na tendência de expansão da economia estadual. O estado, no acumulado dos últimos doze meses, passou a ficar abaixo da média regional em nível de atividade.

De forma geral, os resultados de agosto de 2025 revelam um quadro de expansão nacional moderada, estabilidade regional e ajuste temporário da economia cearense, refletindo um processo de crescimento sustentado e gradual, alinhado a um cenário de maior equilíbrio econômico.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Agosto/24 a Agosto/25.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

O agronegócio brasileiro segue como um dos principais motores da economia nacional, sustentando o crescimento do PIB, o abastecimento interno e a competitividade externa. Mesmo diante de desafios climáticos e oscilações nos mercados globais, o setor mantém trajetória de resiliência e expansão, impulsionado pelo avanço tecnológico, pela ampliação da área cultivada e pelo fortalecimento do agronegócio e da agricultura familiar.

De acordo com as estimativas da Conab (outubro/2025), a safra brasileira de grãos 2025/2026 deve alcançar 354,7 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 0,8% em relação à safra anterior. O resultado decorre da expansão de 3,3% na área plantada, que atingiu 83,9 milhões de hectares, compensando parcialmente a queda de 2,4% na produtividade média, de 4.214 kg/ha para 4.102 kg/ha. Ainda que a produção enfrente custos elevados e condições climáticas irregulares em algumas regiões, a incorporação de tecnologia, sementes melhoradas e mecanização crescente tem sustentado o desempenho do setor.

Regionalmente, o Centro-Oeste permanece como o principal polo produtor, com 38,1 milhões de hectares cultivados. Apesar do aumento de área (+3,7%), a região apresentou queda de 5,7% na produtividade, resultando em retração de 2,2% na produção total (175,4 milhões de toneladas), influenciada pelas irregularidades climáticas, especialmente no Mato Grosso. A Região Sul mostrou recuperação importante, com aumento de 1,4% na área e 3,6% na produtividade, elevando a produção em 5% (92,9 milhões de toneladas), impulsionado pelo bom desempenho do Rio Grande do Sul. No Sudeste, a área plantada cresceu 3,1%, enquanto a produtividade recuou 2,3%; ainda assim, a produção total subiu 0,8%, sustentada pelo desempenho de Minas Gerais. Já o Norte registrou crescimento de

6,8% na área plantada, mas queda de 3,6% na produtividade, resultando em aumento de 3% na produção, com destaque para Tocantins, Acre e Amapá.

No Nordeste, a produção total cresceu 4,1%, passando de 31,3 milhões para 32,8 milhões de toneladas. Esse avanço foi impulsionado pela expansão de 3,8% na área plantada e pela manutenção da produtividade média em torno de 3.129 kg/ha. O resultado reflete o uso crescente de tecnologias adaptadas ao semiárido, como sistemas de irrigação eficientes, cultivares resistentes à seca e maior integração entre pesquisa e extensão rural, além das áreas de cerrado no Nordeste. Bahia, Maranhão e Piauí mantêm-se como os principais polos produtivos, consolidando o Matopiba como uma das novas fronteiras agrícolas do país.

O Ceará apresentou um movimento expressivo de recuperação após o desempenho fraco da safra anterior. Para 2025/2026, as estimativas indicam alta de 46,6% na produtividade, que passou de 442 kg/ha para 648 kg/ha, e crescimento equivalente na produção, que deve alcançar 610,6 mil toneladas. A área cultivada manteve-se praticamente estável (+0,1%), totalizando 942,5 mil hectares. Apesar dos avanços, a produtividade cearense ainda permanece abaixo da média nacional, refletindo limitações estruturais, especialmente na irrigação e na infraestrutura rural.

Em síntese, o panorama da safra 2025/2026 aponta para um crescimento moderado e sustentado do agronegócio brasileiro, baseado na expansão da área plantada e na incorporação de tecnologias voltadas à eficiência e à sustentabilidade. O Brasil reafirma-se como potência agrícola global, com o Nordeste desempenhando papel crescente na diversificação produtiva e o Ceará demonstrando sinais consistentes de avanços.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2024/25 e 2025/26 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
Ceará	941,1	942,5	0,1	442,0	648,0	46,6	416,0	610,6	46,8
Nordeste	10.048,3	10.434,3	3,8	3.121,6	3.128,9	0,2	31.366,6	32.648,4	4,1
Brasil	81.727,2	84.416,0	3,3	4.306,2	4.201,9	-2,4	351.931,7	354.707,3	0,8

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em outubro de 2025.

O Setor da Indústria

Em agosto de 2025, a produção industrial brasileira (PIM-PF) registrou leve expansão, confirmando a tendência de crescimento moderado observada ao longo do ano. Na comparação com julho, o setor apresentou variação positiva, refletindo principalmente o desempenho das indústrias extrativas, que mantiveram ritmo sólido de produção, enquanto as indústrias de transformação continuaram operando com baixo dinamismo.

No acumulado de janeiro a agosto de 2025, o volume total da produção industrial nacional cresceu 0,9% em relação ao mesmo período de 2024. Esse resultado foi impulsionado pelo avanço de 3,9% nas indústrias extrativas, que compensou a leve alta de 0,3% nas indústrias de transformação. A expansão, embora discreta, confirma a resiliência do setor industrial, mesmo diante de custos elevados, demanda interna contida e persistente incerteza macroeconômica.

Setorialmente, o comportamento segue heterogêneo. As maiores contribuições positivas vieram da fabricação de produtos químicos, máquinas e equipamentos e produtos têxteis, segmentos ligados ao investimento e à exportação. Em contrapartida, retrações relevantes em produtos de metal, máquinas e materiais elétricos e artigos do vestuário limitaram o desempenho agregado, refletindo baixa competitividade, dependência de insumos importados e pressão de custos.

No Nordeste, o cenário foi mais desafiador. Em agosto, a produção regional mostrou leve estabilidade, mas no acumulado do ano a queda é de 1,4%, resultado de uma retração de 1,6% na

indústria de transformação, parcialmente compensada pelo crescimento de 4,0% na indústria extrativa. As perdas mais significativas ocorreram nos setores de produtos de metal (-11,5%), máquinas e materiais elétricos (-7,5%) e confecção de vestuário (-5,7%). Apesar disso, a manutenção do desempenho positivo da extração mineral demonstra certa resiliência e capacidade de compensação parcial das perdas industriais.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até agosto de 2025 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	0,3	-1,6	-1,2
Produtos alimentícios	-0,4	-2,1	4,1
Bebidas	-2,8	-2,8	-3,0
Produtos do fumo	7,7	-	-
Produtos têxteis	10,6	-2,3	-5,4
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,0	-5,7	-11,6
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-2,3	-4,9	3,4
Produtos de madeira	-4,2	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	-0,3	-1,6	-
Impressão e reprodução de gravações	-9,1	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-3,7	-1,1	-16,7
Outros produtos químicos	2,5	-4,1	31,7
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-1,7	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	1,3	1,5	-
Produtos de minerais não-metálicos	0,0	1,9	-0,5
Metalurgia	3,0	-1,6	24,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-0,6	-11,5	-0,5
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-2,6	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,6	-7,5	-37,4
Máquinas e equipamentos	6,7	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	3,6	6,5	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	1,2	-	-
Móveis	1,6	-	-
Produtos diversos	0,0	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	9,0	-	-
Indústrias extrativas	3,9	4,0	-
Indústria geral	0,9	-1,4	-1,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a agosto/2025 (Base: igual período do ano anterior).

O Ceará acompanhou a tendência regional, mas apresentou uma dinâmica própria. Em agosto, o estado registrou crescimento em alguns setores estratégicos, que suavizaram a queda acumulada de 1,2% no ano. Destacaram-se as altas expressivas na fabricação de produtos químicos (+31,7%), metalurgia (+24,7%), produtos alimentícios (+4,1%) e couros e calçados (+3,4%), impulsionadas pela maior demanda por insumos industriais e obras de infraestrutura. Por outro lado, segmentos como

máquinas e materiais elétricos (-37,4%), coque e derivados de petróleo (-16,7%) e confecção de vestuário (-11,6%) continuam enfrentando retrações significativas, refletindo a sensibilidade da indústria cearense a oscilações externas e limitações tecnológicas.

Em síntese, os resultados de agosto de 2025 reforçam a percepção de uma indústria nacional em retomada lenta e irregular. Embora o desempenho acumulado do ano seja positivo, o crescimento segue concentrado em poucos ramos e regiões. No caso do Nordeste e do Ceará, a combinação de avanços pontuais e fragilidades estruturais evidencia a necessidade de políticas industriais regionais voltadas à inovação, modernização tecnológica e diversificação produtiva, de modo a consolidar ganhos e reduzir desigualdades no processo de recuperação industrial brasileira.

O Setor de Serviços

O setor de serviços manteve-se como o principal motor da economia brasileira em 2025, demonstrando resiliência e dinamismo mesmo em um contexto de juros elevados. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE), o volume de serviços cresceu 2,6% até agosto de 2025 em relação ao mesmo período do ano anterior, renovando o patamar recorde da série histórica.

Entre os principais destaques, o grupo de Informação e Comunicação liderou o desempenho, com alta acumulada de 5,5% até agosto. Dentro dele, os serviços de Tecnologia da Informação (TI) mantiveram forte ritmo de expansão, com crescimento de 12,5%, impulsionados pela digitalização de empresas e do consumo. Em contraste, o segmento de serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias registrou leve retração de 0,6%, evidenciando a reconfiguração estrutural do setor em direção a serviços digitais de maior valor agregado.

O grupo de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio também contribuiu positivamente, com alta de 2,4% no acumulado até agosto. O transporte aéreo foi o principal destaque, com expansão de 19,8%, acompanhado pelo transporte aquaviário (+2,6%). O transporte terrestre, após retração de 1,8% até junho, reduziu suas perdas para 0,3% até agosto, sinalizando recuperação gradual e estabilização em um modal fundamental para a logística nacional.

Outros segmentos igualmente relevantes mostraram comportamento misto. Os Serviços Prestados às Famílias cresceram 1,3%, impulsionados por alojamento e alimentação, em especial no setor de hospedagem, que se beneficiou da retomada do turismo e das viagens. Já o grupo de Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares avançou 2,5%, refletindo a demanda corporativa por consultorias, terceirização e serviços técnicos. Em contrapartida, o segmento de “Outros Serviços” apresentou queda de 2,2%, pressionado pelo enfraquecimento das atividades financeiras auxiliares e imobiliárias, em linha com o cenário de crédito restrito e juros elevados.

Regionalmente, o desempenho do setor foi desigual, com destaque para o Ceará, que registrou crescimento de 3,4% no volume total de serviços, superando a média nacional. O avanço cearense foi disseminado entre diferentes atividades, com destaque para transportes e serviços auxiliares (+7,9%), impulsionados pelo dinamismo logístico e turístico. Além disso, o grupo de “Outros Serviços” apresentou forte alta de 19,4%, sinalizando aquecimento em nichos especializados e empresariais. A principal limitação local foi a queda de 3,8% em serviços profissionais e administrativos, que pode refletir menor demanda corporativa por consultorias e apoio técnico.

Nos demais estados nordestinos, o desempenho foi mais fraco. Pernambuco registrou leve recuo (-0,2%), com retração em serviços às famílias e profissionais, e pequeno avanço em transportes. Já a Bahia registrou queda de 1,1%, resultado de quedas em serviços às famílias, informação e comunicação e transportes (-3,4%), ainda que tenha apresentado crescimento em serviços profissionais (+1,4%) e outros serviços (+10,2%).

Em síntese, os resultados até agosto de 2025 indicam que o setor de serviços brasileiro segue sustentando o crescimento econômico, mesmo em meio a um ambiente desafiador. O desempenho positivo de segmentos ligados à tecnologia, transporte e turismo compensa as perdas observadas em ramos mais sensíveis ao crédito e à renda. Regionalmente, o Ceará se destaca como ponto de dinamismo no Nordeste, consolidando o setor de serviços como um dos principais vetores de geração de renda e emprego no estado e no país.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até agosto de 2025⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	1,3	3,6	-2,2	-0,6
Serviços de alojamento e alimentação	1,9	-	-	-
Alojamento	3,5	-	-	-
Alimentação	2,1	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-2,1	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	5,5	2,1	0,0	-1,2
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,3	-	-	-
Telecomunicações	0,6	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	3,1	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-0,6	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	2,5	-3,8	-3,8	1,4
Serviços técnico-profissionais	3,2	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	2	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	4,1	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	2,6	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,4	7,9	2,4	-3,4
Transporte terrestre	-0,3	-	-	-
Rodoviário de cargas	-0,4	-	-	-
Rodoviário de passageiros	5,1	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	1,9	-	-	-
Transporte aquaviário	2,6	-	-	-
Transporte aéreo	19,8	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,6	-	-	-
Outros serviços	6,1	19,4	-0,8	10,2
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	0	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	-2,9	-	-	-
Atividades imobiliárias	-0,4	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	-3,1	-	-	-
Total	2,6	3,4	-0,2	-1,1

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a agosto /2025 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

O comércio varejista brasileiro manteve ritmo de crescimento moderado ao longo de 2025, com diferenças relevantes entre os segmentos e as regiões do país. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC/IBGE), o varejo restrito acumulou alta de 1,6% até agosto, enquanto o varejo ampliado apresentou leve retração de 0,4%.

O avanço nas vendas foi sustentado pela redução do desemprego, pela melhoria da renda real e pela resiliência do consumo das famílias, fatores que contribuíram para manter o setor em trajetória positiva mesmo em um ambiente de crédito caro e restrito. Essa conjuntura favoreceu especialmente os segmentos de bens essenciais, enquanto setores mais dependentes de financiamento registraram desempenho mais contido.

No Nordeste, o destaque ficou para o Ceará, que apresentou crescimento acima da média nacional: +2,9% no varejo restrito e +4,3% no varejo ampliado. O desempenho cearense foi impulsionado principalmente pelos segmentos de artigos farmacêuticos e de perfumaria (+9,8%), vestuário e calçados (+6,2%) e outros artigos de uso pessoal e doméstico (+7,0%). No varejo ampliado, os avanços mais expressivos ocorreram em veículos e peças (+4,5%) e materiais de construção (+7,4%), refletindo a melhora da confiança do consumidor e a recuperação gradual do setor automotivo regional. Além disso, o estado foi o único da região com crescimento relevante no segmento de combustíveis e lubrificantes (+5,9%), bem acima da média nacional (+0,7%), consolidando-se como principal motor do varejo nordestino em 2025.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até agosto de 2025⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,6	2,9	1,8	0,9
Combustíveis e lubrificantes	0,7	5,9	-3,1	0,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,0	0,2	1,9	0,4
Hipermercados e supermercados	1,4	1,1	1,2	1,5
Tecidos, vestuário e calçados	3,9	6,2	1,5	-0,7
Móveis e eletrodomésticos	3,8	-0,9	11,1	1,8
Móveis	-4,7	0,7	5,1	-3,1
Eletrodomésticos	6,4	-0,5	12,9	6,7
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,3	9,8	-1,5	8,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,7	-1,8	3,6	-19,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-1,3	-12,1	-12,1	-17,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,1	7,0	5,4	-1,0
Comércio varejista ampliado	-0,4	4,3	1,1	-2,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	-2,9	4,5	-3,1	6,5
Material de construção	0,7	7,4	0,2	-2,6
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-6,0	8,2	5,9	-22,0

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2025 a agosto/2025 (Base: igual período do ano anterior).

Na Bahia, o cenário foi mais tímido: alta de 0,9% no varejo restrito e retração de 2,1% no ampliado. Os melhores desempenhos ocorreram nos segmentos de eletrodomésticos (+6,7%) e produtos farmacêuticos (+8,3%), enquanto livros e papelaria (-19,2%) e equipamentos de informática (-17,4%) apresentaram quedas acentuadas. No varejo ampliado, a forte retração no atacado de alimentos, bebidas e fumo (-22,0%) e em materiais de construção (-2,6%) comprometeu o resultado agregado.

Em Pernambuco, o comércio varejista registrou alta moderada de 1,8%, sustentada pelo bom desempenho dos setores de móveis e eletrodomésticos (+11,1%) e livros e revistas (+3,6%). Houve, contudo, quedas em combustíveis (-3,1%) e produtos farmacêuticos (-1,5%). No varejo ampliado, o estado apresentou crescimento de 1,1%, impulsionado pelo atacado (+5,9%), que compensou parcialmente as perdas no segmento automotivo (-3,1%).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

A análise do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) revela um quadro de expansão consistente do emprego formal no Brasil entre setembro de 2024 e setembro de 2025, com resultados positivos também nas regiões Nordeste e Ceará. Os dados mensais de admissões, desligamentos e saldos de postos de trabalho permitem observar a recuperação do mercado formal após o período de desaceleração registrado no final de 2024.

Em termos nacionais, o saldo acumulado de empregos formais alcançou aproximadamente 1,7 milhão de novas vagas, correspondendo a uma variação positiva de 3,64% no estoque total de empregos. Esse resultado confirma a retomada gradual do mercado de trabalho, após o recuo observado no final de 2024, quando o saldo de dezembro foi negativo em mais de meio milhão de postos de trabalho. O avanço é explicado pelo aquecimento da atividade econômica, pela recuperação do consumo das famílias e pela maior demanda por mão de obra nos setores de serviços, comércio e construção civil.

No Nordeste, o comportamento foi semelhante ao nacional, porém com ritmo de crescimento ligeiramente superior. O saldo acumulado da região chegou a 334 mil novos empregos formais, o que representa aumento de 4,22% em relação ao período anterior. Esse desempenho reflete a retomada das atividades produtivas e o forte peso dos setores de comércio, serviços e agropecuária na estrutura econômica regional. Em especial, o avanço do setor de serviços tem se mostrado determinante para sustentar o nível de ocupação e impulsionar a renda nas principais capitais nordestinas.

No caso do Ceará, o mercado de trabalho apresentou crescimento contínuo e estável ao longo de 2025, acompanhando a tendência regional, mas com resultados mais equilibrados. O estado acumulou aproximadamente 51 mil novas vagas formais, equivalente a uma variação de 3,63% sobre o estoque do período anterior. Destaca-se que os melhores resultados ocorreram entre agosto e setembro, com criação superior a dez mil postos por mês, sinalizando um momento de aquecimento da economia estadual e de recuperação consistente da demanda por trabalho.

A melhora dos indicadores de emprego representa não apenas um sinal de vitalidade produtiva, mas também um fator essencial para a redução das desigualdades sociais e regionais, especialmente em áreas historicamente mais vulneráveis como o Nordeste brasileiro.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - setembro/2024 a setembro/2025 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(²)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
set-24	2.184,6	1.932,4	252,2	0,53	323,7	244,5	79,2	1,01	55,5	45,8	9,7	0,69
out-24	2.237,6	2.106,0	131,6	0,28	298,4	279,3	19,1	0,24	54,0	51,0	3,0	0,21
nov-24	1.996,4	1.890,2	106,2	0,22	275,7	250,3	25,4	0,32	49,9	45,4	4,5	0,32
dez-24	1.534,9	2.089,4	-554,5	-1,16	213,4	273,5	-60,1	-0,75	36,8	43,9	-7,1	-0,5
jan-25	2.309,3	2.161,0	148,3	0,31	311,5	307,4	4,1	0,05	54,6	55,0	-0,4	-0,03
fev-25	2.612,2	2.173,8	438,4	0,93	343,8	301,5	42,3	0,53	61,0	54,3	6,7	0,47
mar-25	2.258,6	2.179,1	79,5	0,17	288,3	298,4	-10,2	-0,13	48,4	51,0	-2,6	-0,18
abr-25	2.321,6	2.084,2	237,4	0,50	323,4	277,9	45,4	0,57	57,0	48,1	8,9	0,63
mai-25	2.280,0	2.127,2	152,8	0,32	329,0	280,4	48,6	0,61	56,8	51,0	5,8	0,40
jun-25	2.165,8	2.004,0	161,9	0,34	301,1	265,8	35,4	0,44	56,7	49,3	7,3	0,51
jul-25	2.267,1	2.132,8	134,3	0,28	326,0	285,2	40,8	0,50	61,1	53,3	7,8	0,55
ago-25	2.256,5	2.105,5	151,0	0,31	342,1	285,9	56,2	0,69	61,3	54,3	7,0	0,49
Set-25	2.292,5	2.079,5	213,0	0,44	348,9	276,5	72,3	0,88	62,9	52,3	10,6	0,73
Acum. do Ano	20.763,7	19.047,1	1.716,6	3,64	2.913,9	2.579,0	334,9	4,22	519,8	468,7	51,1	3,63
Acum. dos últimos 12 meses	26.532,5	25.132,6	1.399,9	2,95	3.701,4	3.382,2	319,3	4,01	660,4	608,9	51,5	3,66

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2024 e 2025. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O comércio exterior brasileiro, em setembro de 2025, apresentou sinais de desaceleração, refletindo tanto fatores estruturais quanto conjunturais, especialmente a volatilidade dos mercados internacionais e a menor demanda global por commodities.

A corrente de comércio totalizou US\$ 58,07 bilhões, o que representa crescimento de 12% em relação a setembro de 2024, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). As exportações atingiram US\$ 30,53 bilhões (+7,2%), enquanto as importações somaram US\$ 27,54 bilhões (+17,7%). Como resultado, o superávit comercial foi de US\$ 2,98 bilhões, correspondendo a uma redução de 41,1% frente ao mesmo mês do ano anterior.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %
Brasil								
Setembro de 2025	30.530,9	7,2	27.541,0	17,7	2.989,9	-41,1	58.071,9	12,0
Acumulado do Ano	257.792,3	1,1	212.313,8	8,2	45.478,4	-22,5	470.106,1	4,2
Acumulado 12 meses	339.831,6	-0,4	278.879,5	9,2	60.952,1	-29,1	618.711,0	3,7
Nordeste								
Setembro de 2025	2.278,2	2,9	2.479,5	-11,2	-201,4	65,3	4.757,7	-5,0
Acumulado do Ano	18.784,9	0,4	20.771,1	-4,7	-1.986,2	35,6	39.555,9	-2,4
Acumulado 12 meses	25.248,0	-1,0	27.690,0	-1,8	-2.442,0	9,1	52.938,0	-1,4
Ceará								
Setembro de 2025	159,1	97,2	236,2	-26,3	-77,1	67,9	395,3	-1,5
Acumulado do Ano	1.666,3	40,4	2.120,4	-9,4	-454,1	60,6	3.786,7	7,4
Acumulado 12 meses	1.948,2	15,7	2.809,2	-8,1	-861,0	37,2	4.757,4	0,4

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período do ano anterior e com o período imediatamente anterior, respectivamente.

Esse desempenho reflete a combinação de moderação do comércio global e queda nos preços internacionais de produtos básicos, como minério de ferro, soja e petróleo, além de efeitos do tarifaço dos Estados Unidos, mesmo que em efeitos menores que esperados. Apesar disso, o saldo acumulado do ano manteve-se positivo, alcançando US\$ 45,49 bilhões, embora com redução de 22,5% em relação ao mesmo período de 2024. A corrente de comércio acumulada em 2025 chegou a US\$ 470,11 bilhões, um aumento de 4,2%, sinalizando resiliência das trocas comerciais brasileiras mesmo diante das incertezas do cenário externo.

No Nordeste, o comércio exterior também apresentou avanço moderado, ainda que com resultados mistos entre exportações e importações. Em setembro de 2025, as exportações regionais totalizaram US\$ 2,28 bilhões, enquanto as importações alcançaram US\$ 2,47 bilhões, resultando em uma corrente de comércio de US\$ 4,75 bilhões, queda de 5,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado reflete a desigualdade de desempenho entre os estados e a dependência regional de insumos importados para a indústria e o setor energético.

O Ceará destacou-se positivamente no contexto regional, sendo um dos principais responsáveis pela melhora relativa do desempenho nordestino. As exportações cearenses somaram US\$ 159,1 milhões em setembro de 2025, representando uma alta expressiva de 97,2% frente ao mesmo mês de 2024. Por outro lado, as importações totalizaram US\$ 236,2 milhões, com redução de 26,3%, o que resultou em um déficit comercial de US\$ 77,1 milhões. A corrente de comércio cearense atingiu US\$ 395,3 milhões, registrando leve decréscimo de 1,5%.

Em síntese, os resultados de setembro de 2025 evidenciam um cenário de crescimento moderado das trocas comerciais brasileiras, sustentado pela diversificação das exportações e pela resiliência do setor externo, ainda que o superávit comercial venha se reduzindo diante do aumento das importações.

Bibliografia:

MANKIW, N. G.; ROMER, D.; WEIL, D. N. A contribution to the empirics of economic growth. *The Quarterly Journal of Economics*, Oxford, v. 107, n. 2, p. 407-437, 1992.

SOLOW, R. M. A contribution to the theory of economic growth. *The Quarterly Journal of Economics*, Oxford, v. 70, n. 1, p. 65-94, 1956.

Autores:

Alexandra Carla Elias Oliveira
Ana Lia Costa Carneiro
Ana Luiza Cavalcante Alencar
Andre Araujo Queiroz
Brenda Rodrigues Cavalcante
Clayton José da Silva Viana Junior
Djailson Pereira Do Nascimento
Emilio de Medeiros Viana Filho
Enzo Costa Martins Pereira
Francisca Emilly Pinheiro Lopes
Francisco Felipe Silva Rodrigues
Francisco Matheus de Oliveira Viana
Frank Carlos Magnu Almeida Chaves
Fábio Carneiro da Costa
Gardel Dias da Assunção
Isabele Barbosa de Maria da Silva
João Otávio Pinto Serra
Jose Caio de Souza
Leandro Sparapan Piekazevicz
Marcus André Rodrigues Jerônimo André Ro
Maria Clara Cavalcante Guilherme
Roberto Gonçalves Regadas

